

# CIÊNCIA DA LINGUAGEM HISTÓRICO - CULTURAL

**Reinaldo Bossmann**

Universidade do Paraná

Os resultados das pesquisas lingüísticas oferecem, ao lado de outros ramos da ciência, um profundo conhecimento das relações históricas e culturais de épocas remotas. Desde que a história da linguagem — no dizer de Jakob Grimm — e simultaneamente a história da cultura e da humanidade, ela se situa entre os seus mais categorizados meios e proclamadores. Que é linguagem? Wilhelm von Humboldt chama-a de “órgão representativo dos pensamentos”. Ela abrange todo o acêrvo de vocábulos e de suas formas, com que exprimimos nossas imagens. “A linguagem não é produto livre do homem individual, mas pertence à nação inteira; nesta, as gerações posteriores recebem-na das gerações anteriores” (1). Para o vocábulo tem Wilhelm von Humboldt a seguinte definição: “O vocábulo não constitui a linguagem, porém é sua parte mais significativa, isto é, na linguagem, êle é o que o indivíduo é no mundo vivo” (2).

A ciência da linguagem tem apontado, para milhares de vocábulos e frases, a origem e derivação, a pesquisa comparativa da linguagem, sua procedência, parentesco e paralelos em outras línguas, e tem demonstrado como nêles a vida antiga se tem prolongado até os nossos dias. Na língua alemã atual, p. ex., refletem-se, embora muitas vêzes inconscientemente, costumes desde há muito tempo desaparecidos, bem como usos e acontecimentos no campo da vida do direito, no âmbito da natureza dos tributos e no domínio da natureza da fidalguia e do torneio. Ma-

---

1) Wilhelm von Humboldt: “Ueber das vergleichende Sprachstudium.”

2) “Ueber das vergleichende Sprachstudium.”

neiras de fa'ar como "unter den Hammer kommen" (vir a estar sob o martelo) e "rot wie ein Zinshahn" (corado como um galo a juros) são testemunhas vivas da linguagem do direito de séculos idos. Com tais expressões nos são dados esclarecimentos de caráter cultural e histórico sôbre o direito e os tributos de nossos antepassados. Ou na expressão "ab nach Kassel" (para Kassel) se nos reflete aquela época triste em que o conde de Hessen-Kassel fazia reunir, à fôrça, os jovens recrutados em seu território, a fim de os vender à Inglaterra como soldados, a cujo serviço eram obrigados a lutar contra o movimento de libertação norte-americano. Essas expressões e inúmeras outras, tão atraentes, no entretanto só alcançam sua explicação aquêles que se não mantenham indiferentes aos fenômenos lingüísticos, com relação à história e à história da cultura.

Caso diferente, porém, ocorre com um grande número de palavras isoladas, cuja forma exterior nada revela sôbre o fato de encerrar importante passado cultural e histórico. Por exemp'lo, na palavra "Kobalt" (coba'lto) continua a viver uma antiga crença de mineiros. "Koba:l't" significa metais e minerais considerados sem valor pelos velhos mineiros. O mineral cobalto, que começou a ser usado sômente no século XVII, já testemunhou em 1562 a crença de que um espírito — pequeno mineiro — se introduzia naque'le, após ter roubado e consumido a prata. Em conformidade com êsse espírito mineiro — Berggeist chamado Kobold — o mineral tomou o nome de "Koba:l't" (cobalto). Paracelsus deu-lhe a denominação de kobelet (3), Agrícola (1546) em sua obra "De re metallica", chamou-o de "kobelt" (4), no latim posterior "cobaltum". Em 1650, o cobalto foi levado à Inglaterra por mineiros alemães (5). "Kobold", forma paralela "kobolt" do médio alto-alemão, é um espírito jocoso do lar. Como deuses domésticos, os "Kobolde" podem ser igualados com "cofgodu, godas, penates, lares" (6), anglo-saxônicos. Êsse mineral tomou, pois, o nome, na bôca dos mineiros, segundo o pequeno duende das minas.

---

3) Kluge / Götze, "Etymologisches Wörterbuch", 15. Auflage, Berlin, 1951.

4) Kluge / Götze, "Etymologisches Wörterbuch", 15. Auflage, Berlin, 1951.

5) Kluge / Götze, op. cit., pg. 399.

6) Kluge / Götze, op. cit., pg. 399.

Na palavra "Hagesto'z", que hoje designa um moço solteiro, vive uma parte do antigo direito de herança alemão. A forma do antigo alto-alemão é "hagustalt", um vocábulo do direito germânico, o qual já existia antes da migração dos anglos-saxões para a Inglaterra. Significava em relação com o proprietário da quinta um terreno cercado, pequeno demais para nêle fundar a própria casa. A denominação dessa pequena propriedade se transpassou para o proprietário. Mudança de sentido que repousa sobre uma base do direito.

Das formas dialetais de algumas palavras podem tirar-se conclusões certas de natureza cultural e histórica. Por exemplo, o vocábulo "Lachen", do alto-alemão, igual a "Bettuch" (lençol) foi desalojado, quase que em tôda a parte, por "Laken", do baixo-alemão. A explicação está na importância do comércio westfaliano do linho, que levou suas mercadorias até a Alemanha setentrional, introduzindo, ao mesmo tempo, a forma do baixo-alemão. Idênticos fenômenos ainda hoje se verificam, talvez até com mais freqüência. Citemos o pequeno veículo americano, que se espalhou em todo o mundo e, com a mercadoria, naturalizou-se também a denominação em muitas línguas. Esse pequeno carro americano, "o jeep", é conhecido por todo o mundo como uma condução de primeira ordem. Para o exército, durante a guerra, prestou relevantes serviços. Também na paz foi escolhido, dentre muitos outros, como o predileto para determinados misteres, por ser um meio seguro e eficaz de transporte. O "jeep" apareceu em 1942 com múltiplas aplicações, distinguindo-se pela qualidade de transpor os terrenos acidentados. Tomando a designação de "General Purpose War Truck", literalmente traduzindo — Carro de guerra para todos os fins — dar-lhe-íamos, em língua portuguesa, a denominação prática de "Viatura geral de guerra". Como viatura militar, era conhecida pela abreviatura de "G. P. W. T.", i. e., pelas letras iniciais de seu nome (General Purpose War Truck). Mas também esta abreviatura apresentou-se como muito incômoda e longa na linguagem comum dos soldados, razão por que foi novamente encurtada para "G. P." e, segundo a pronúncia americana destas duas letras "dgi-pi", originou-se a expressão "dgip", como aglutinação, passando a escrever-se "Jeep" (dgip).

Como fundador da lingüística indo-européia apresenta-se, com justiça, Franz Bopp. Sua obra famosa, em que expôs, pela primeira vez o parentesco de uma série de línguas indo-européias, tem o título de “Ueber das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleich mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache” — Sobre o sistema de conjugação do Sânscrito em comparação com o do Grego, do Latim, do Persa e do Germânico — publicado em 1816. Exatamente os vocábulos isolados, aparentemente comuns, mereceram a atenção particular da ciência da linguagem e, graças às suas pesquisas, foi possível explicar uma abundância de palavras em seu sentido genuíno e, pelo quê, pudemos fazer uma introspecção no pensamento e nos sentimentos de nossos antepassados. Como prova disso menciona-se um exemplo do campo religioso. Os gregos possuíam, entre todos os demais povos gentios da antiguidade, a mais organizada doutrina dos deuses, que se desenvolveu desde a divinização das fôrças da natureza até a corporificação dos poderes morais e espirituais. Fato idêntico se verifica no tocante ao curso de desenvolvimento de todos os povos. Também a ciência da linguagem mostra uma religião original da Natureza entre os gregos. A denominação do deus superior grego, como Zeús, indica “para o céu”, “para o céu luzente”, o que afirma a comparação com o nome do deus superior romano, não na forma de Júpiter, mas na sua forma antiga de “Dies-piter”. Latim “dies-piter” significa “pai do céu”, indo-europeu \* dieus = céu, deus do céu, proto-índico \* dyáus. Assim, os romanos ligaram uma de suas primeiras imagens religiosas mais elevadas à luz do dia. Também o antigo têrmo nórdico “Tyr” bem como o “Ziu” do antigo alto-alemão, estão tanto pela sua origem como pelo seu significado, na mesma relação que “Zeus” e “Júpiter”. Ao latino “Mars” — deus da guerra — corresponde o germânico “Tiwaz”, anteriormente “Teiwaz”, no anglo-saxônico “Tiw”, no nórdico antigo “Tyr”, no antigo alto-alemão “Ziu”. Os germanos, converteram o antigo deus-do-céu em deus-da-guerra. Em toda parte encontramos aí uma antiga divindade indo-européia, cujo culto os romanos, os gregos e os germanos trouxeram de sua pátria primitiva comum. Em vista disso, Zeus originariamente nada mais é do que uma divindade da natureza, que só sucessi-

vamente se transformou numa fôrça moral superior, na fantasia dos he'enos.

É deveras fascinador seguir os vocábulos que têm, diretamente ou indiretamente, uma derivação e conexão com Zeus, Júpiter e Ziu. Encontramos no latim "divus" e "deus", mas também "dies". Como dessas palavras existem derivações dos mais variados sentidos e nas mais variadas línguas, e as mais notáveis relações de palavras: "Dienstag" (terça feira), "Diva" (a divina), "Diäten" (bôlsas em diversos sentidos), "Adieu" (até logo) e "Journal" (jorna). "Dienstag" nada tem que ver com "dienen" — servir, mas sim, pertence à mesma família das palavras acima. "Dienstag" é uma desfiguração da palavra original "Ziestac", que quer dizer o dia dedicado a Ziu. A isso pertencem a palavra "tyrsdagr" que provém do nórdico-antigo, e "tiwesdaeg" do anglo-saxônico. No inglês corresponde exatamente o "Tuesday" da velha forma de transformação de Júpiter ao deus da guerra dos germanos. Conservam os nomes dos dias da semana seu caráter de dedicação às divindades. A forma antigo alto-alemã "ziostac", e "ziestac" do médio alto-alemão, em lugar do moderno alemão "Dienstag", nos mostra com mais acêrto a relação com sua origem "Ziu. Lutero faz uso da palavra "Dienstag"; no século XVII lemos nas obras de Hebel "Zistic". Essas velhas formas ilustram a derivação de "Zeus" e "Dies-piter", de maneira mais clara. "Diva" significa divina, e descende do adjetivo latino "divus". "Diäten" são as conhecidas bôlsas, que no alemão é uma abreviação de "Diätengelder", vindas do francês "diète" para a língua alemã, significa, "reunião", "assembléia", etc. O francês "diète" deriva-se do latim moderno "dieta", que, por sua vez, desenvolveu-se do latim "dies" = dia. Em "adieu" encontra-se o francês "dieu" correspondente a "deus" em latim e português. A forma alemã "ade", como cumprimento de despedida, é igual ao latim "ad Deum" e se traduz por "eu te recomendo à divindade". Evoluciona, no século XII, para o francês "adé", do qual se revelou em alemão "ade" = "Gott befohlen", em português "vá com Deus". Essa forma predominou do ano de 1210 até o século XVII, e ainda é usada como palavra dos poetas,

crianças e do povo (7). Aachamos tal forma como “adis” e “adjes” nos dialetos alemães que penetraram no século XVIII, segundo modelo de “bona dies” (8). No sudoeste da Alemanha e em Berlim desfigurou-se nas palavras, “átje” e “tchö” respectivamente, por nós usado sob a forma “tchau”. Em seu paralelo italiano “adidio”, (9) que é como palavra de moda nos círculos artísticos. “Journa” descende do francês “jour”, originado do latim “dies”, na forma adjetiva “diurnus”, isto é, “diário”. Do médio-latino “diurnaie” corresponde o “giornale” italiano.

O latim “dies” pode servir também como ponto de partida para outras considerações. Corresponde ao alemão “Tag”; porém, entre o uso alemão e o latino verifica-se uma diferença peculiar. Enquanto os alemães entendem, sob a palavra “Tag”, não somente o espaço claro do tempo em contraste com a noite, mas, num sentido mais amplo, também o espaço de tempo de 24 horas, isto é, incluem a noite, o romano compreendia, sob a palavra “dies”, de acordo com a etimologia, somente as horas claras do dia, ou seja o espaço de tempo que vai do nascer do sol até o ocaso, que, independentemente das estações do ano, se dividia sempre em 12 horas, de maneira que as horas romanas eram mais longas no verão e mais curtas no inverno.

O costume hodierno de designar o espaço de tempo de 24 horas, isto é, incluindo a noite, a compreender a parte de luz, nem sempre existiu na Alemanha, porém os antigos germanos, pelo contrário, contavam o tempo por noites no sentido de dias completos. Nós estranhamos, hoje em dia, tal designação, mas ela foi regra até os fins da Idade Média. Na antiguidade alemã relativa ao direito encontramos, com frequência, determinações do tempo como “sieben nehte” (sete noites), “vierzehn nehte” (quatorze noites), onde hoje deveríamos dizer “sete ou quatorze dias”. Contudo, não é preciso voltarmos até a Idade Média; ainda hoje possuímos testemunhos vivos dessa maneira de contar o tempo, como prova, claramente, a palavra “Fastnacht” (noite do entrudo, dia que precede o carnaval), com a qual designamos não somente a noite, mas o dia todo. Também o inglês con-

---

7) Kluge / Götze, op. cit. pg. 7.

8) Kluge / Götze, op. cit. pg. 7.

9) Kluge / Götze, op. cit. pg. 7.

serva essa antiga determinação do tempo em sua palavra "fort-night" para 14 dias, inclusive 14 noites.

O exemp'lo a seguir deve mostrar-nos como podemos deduzir, de uma simples transferência de sentido, o enorme poder exercido, em tempos da antiguidade, pelo senhor da casa, isto é, pelo chefe de família. A mais antiga história romana serve de testemunho de quão ilimitada era a posição do chefe de família, na antiguidade romana. O pai tinha faculdade de determinar sobre a vida e a morte de seus filhos; podia vendê-los. Sòmente sob os imperadores é que o exercício dos direitos do pai ficou subordinado ao regulamento das autoridades. Podemos, pois, dizer que o poder do chefe de família era um poder despótico e, com efeito, a palavra grega "despótes" não significava, originariamente, outra coisa a não ser "senhor da casa". Grego δεσπότης de \* dems-potes, antigo hindú \* dām-pati-h = pai de família (10). A palavra "Despot" é conhecida desde 1423 na língua alemã. Hoje entendemos, como já os gregos entenderam, sob a palavra "déspota", um ditador absoluto. Aqui houve uma passagem de sentido extraordinariamente rara do conceito de senhor da casa para o de um regente absoluto, passagem essa que só se explica pelo poder acentuado exercido pelos homens que estavam à frente das sociedades de família particulares. Além disso, é notório que a designação "déspota" não só passou para o regente absoluto, como também passou para deuses imortais.

O têrmo inglês "town" igual a "Stadt" (cidade) lembra-nos os tempos em que não reinava ainda uma ordem estatal e em que os homens viviam inquietados por uma ameaça constante de guerra. E' exatamente a mesma palavra que o alemão "Zaun" (cêrca). No anglo-saxônico e no médio inglês efetivamente "town" tem também o sentido de "cêrca, sebe". Antigo alto-alemão e médio alto-alemão "zun", anglo-saxônico e antigo frísio "tun", médio holandês "tuun", antigo nórdico "tun" igual a "Zaun" (cêrca), neo-holandês "tuin" igual a "jardim, horta". Portanto, a idéia de "cêrca" era comum ao germânico. A mudança do conceito de "Zaun" (cêrca para "Stadt" — cidade) pode ser facilmente compreendida, quando se tem em mente que a característi-

---

10) Kluge / Götze, op. cit. pg. 131.

ca da localização antiga, não só dos ingleses mas também dos germanos primitivos, era a cêrca com sebes ou valados, que servia de proteção contra assaltos depredatórios, e atrás da qual se levava o gado nas horas de perigo. O vocábulo inglês "town" e o alemão "Zaun" encontramos também no céltico como "dunum", por exemplo no nome de cidades "Lugdunum", que em francês deu "Lyon". A terminação — "dunum" que aparece na toponímia gaulesa, como em Augustodunum, Cambodunum, Noviodunum, Taodunum, tem a acepção de "castelo", "cidade fortificada". Existe, pois, uma relação singular entre "Zaun" (cêrca) e nomes de cidades como Lyon e Kingstown, entre outros. No inglês existe "town" ao lado da forma dialetal "tine" igual a "cercar com", provenientes do anglo-saxônico "tynan", do antigo frisio "tena", de igual sentido.

A composição dos habitantes das mais antigas colônias (localizações) devemos considerar sob o prisma de que tôda a parentela, ou pelo menos em parte, morava em conjunto e constituíam, assim, as chamadas aldeias de geração ou de parentela. Para admitir-se que a aldeia dos tempos remotos pode ser compreendida como uma localização (colônia) de parentela, a pesquisa lingüística nos fornece provas: O nome indo-europeu da parentela é "vik", que é a mesma palavra que temos no latim sob a forma de "vicus", antigo alto-alemão "weih", no alto-alemão moderno "weich", no anglo-saxônico "wac", no antigo nórdico "veikr", da qual se derivou o inglês "weak". Na língua alemã existe, com êsse conceito, a palavra Weichbild (districto), que é um vocábulo do direito e que tem o sentido de localização (colônia) autônoma. O gótico tem "weihs" igual a "Flecken" (pontos da cidade) como empréstimo germânico ocidental do latim "vicus", isto é, "um grupo de casas". Na toponímia ainda hoje se mantêm, entre outros: Bardowiek, Osterwiek, Braunschweig, Greenwich, Norwich. Todos êsses vocábulos significam porém "aldeia", "localidade", assim os dois conceitos "parentela" e "aldeia" são idênticos, o que somente se explica pelo fato de a população ter sido toda, ou pelo menos em parte, de uma só parentela. Vemos aí uma notável passagem de sentido, como do conceito do parentesco, isto é, do puramente pessoal, se desenvolveu o conceito territorial.

Os exemplos aqui dados resumidamente mostram a relação íntima entre a lingüística e a história da cultura na interpretação de modos de dizer ou de conceitos particulares, interpretação essa para a qual a lingüística só não é suficiente. Somente a referência ao respectivo ambiente cultural-histórico possibilita, em muitos casos, um esclarecimento satisfatório. Assim como em nossa língua moderna há vida vigorosa e como ela o fiel reflexo de sua época, assim também se esconde, em muitos vocábulos antigos, uma tradição viva, um retrato cultural-histórico e um passado histórico.

---

## NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA

No próximo número de "Letras", esta secção apreciará recentes publicações:

- "Ensaio de Interpretação Lingüística"** — Florival Seraine, Fortaleza, Ceará, 1954 (Caderno n.º 4 — Secretaria Municipal de Educação e Cultura — Fortaleza, Ce.).
- "A Formação Histórica da Língua Portuguesa"** — Francisco da Silveira Bueno, Rio, 1955 (Livraria Acadêmica — Biblioteca Brasileira de Filologia — n.º 6).
- "Orientações da Lingüística Moderna"** — Sílvio Elia, Rio, 1955 (Livraria Acadêmica — Biblioteca Brasileira de Filologia — n.º 7).
- "Revista Filológica"** — Ano I — n.º 1 (Nova fase) — Propriedade da Academia Brasileira de Filologia, Rio.
- "Dicionário Reverso de Topônimos e Gentílicos"** — Luís A. P. Vitória, Rio, 1954 (Edição da "Organização Simões").
-